

Miséria de vida e costumes gentílicos, ou a falta do regime de vida como causa da mortandade dos índios em informes para o vice-rei da Nova Espanha (1636)

ALEXANDRE CAMERA VARELLA*

Alguns esclarecimentos sobre o âmbito desta pesquisa devem ser feitos antes de passar propriamente para a narrativa que se concentra na análise de pareceres de clérigos e outros informes, especificamente da segunda metade da década de 1630, sobre a situação de decadência do corpo social indígena e que lidavam com as possíveis causas e soluções ao infortúnio. Os principais materiais desta análise são manuscritos produzidos, portanto, na época do governo do vice-rei Lope Díez de Aux de Armendáriz, Marquês de Cadreita, mas se relacionam e podem ser comparados com outros discursos e com contextos regionais e gerais da história colonial.

Este texto para os Anais do Simpósio da Anpuh de 2015 é um modesto gesto que deve ser aprimorado, mas compreende um dos esforços que temos empreendido para pensar a construção discursiva da debilidade do corpo físico do índio em relação aos critérios da dietética, entre os séculos XVI e XVII.¹ Recentemente registramos na UNILA um projeto de pesquisa que procura retomar, aprimorar e redirecionar investigações já feitas durante o doutorado, e que também foram conduzidas nos últimos três anos de forma pontual e não sistemática.² Queremos avançar no trabalho que relaciona um conjunto ou diversidade de fontes históricas e contextos de produção dos discursos em torno do tema do “regime de vida” como supostamente teria sido praticado pelos índios. Ou melhor, procuramos expor, principalmente, uma vertente de pronunciamentos relatando que os índios não tinham o devido cuidado em lidar com os fatores externos ao corpo que, na compreensão de agentes coloniais e outros sujeitos, poderiam debilitar os seres humanos em geral, e os naturais da terra americana em particular.³

Avaliamos, nessa proposta de pesquisa, a tradição hipocrático-galênica que invade a

* Professor de graduação do curso de História-América Latina do Instituto Latino-Americano de Artes, Cultura e História (ILAACH), professor efetivo do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar de Estudos Latino-Americanos (IELA) e coordenador do Instituto Mercosul de Estudos Avançados (IMEA) da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA).

¹ Entre outros trabalhos destaque-se Varella (2014).

² No doutorado, com apoio da FAPESP, e posteriormente, com apoio da UNILA, foram visitados arquivos da Cidade do México e de Sevilha, onde pudemos consultar os documentos manuscritos citados neste ensaio.

³ Projeto de Pesquisa registrado na Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da UNILA em 30 de junho de 2015, com previsão de três anos para sua conclusão.

América indígena na conquista ibérica, inspirando visões e políticas de grupos de poder inseridos em ordens religiosas, no clero secular, ou que são colonos empresários particulares como os lavradores e mineiros, e os funcionários reais. Entre outros que muitas vezes estavam ocupados com diversos trâmites de ganhos e vantagens, normalmente contando com a mão-de-obra indígena e exercendo o controle sobre as populações chamadas de “naturais” ou de “índios”.

A dietética, a tradição de higiene que advém da Grécia Antiga, também oferecia elementos para o discurso de certas lideranças indígenas e de cronistas ladinos, estes, também, gente privilegiada, ainda que normalmente não tanto quanto os colonos espanhóis, mas que da mesma forma usavam o trabalho dos “índios comuns”, estes enquanto serventes ou tributários.

O regime de vida (ou *diata* no grego clássico) consiste no bom governo das chamadas “seis coisas não-naturais” por Galeno, que viveu no império romano no primeiro século depois do advento de Cristo. Esses fatores também seriam chamados “seis coisas necessárias” por Avicena, pensador persa e muçulmano que foi apropriado pela escolástica na Baixa Idade Média. Lidar com esses fatores ou influências seria fundamental para conservar a saúde do corpo e da mente. São eles: a comida e a bebida; os ares e lugares; os exercícios e o repouso; o sono e a vigília; as excreções e secreções; e por fim, os movimentos ou paixões da alma, o que grosso modo chamaríamos de emoções como instâncias psicossomáticas (CRUZ CRUZ, 1997).

Destarte, a meta principal do projeto é contextualizar discursos coloniais em pesquisa de crônicas, tratados e outros documentos produzidos principalmente na Nova Espanha, contando com uma seleção menor de fontes históricas originárias do Peru e da península ibérica. E, na medida do possível e do cabível, pretende-se trazer fontes históricas de outras partes da Europa ocidental. O objetivo geral é historiar a construção de argumentos ou considerações sobre os usos e costumes, as circunstâncias e condições de vida dos naturais da terra americana, avaliar relatos do ambiente ou entorno e relacionar esses elementos com a construção da natureza intrínseca ao corpo físico e mental das populações locais. A hipótese ou perspectiva regente é de que os parâmetros e noções hipocráticos e galênicos teriam contribuído para fixar a imagem dos índios comuns da Nova Espanha e Peru como gente ignorante, pobre e rude. O que dava elementos para o sentido jurídico de uma condição miserável dessa entidade social fundamental para os propósitos mais estratégicos do império (nos governos de âmbitos civis e religiosos), e mais imediatos, particularmente dos colonos

espanhóis abastados, sem mencionar os próprios funcionários e clérigos em seus propósitos corriqueiros.

Retomemos o assunto específico desta apresentação: discursos sobre a mortandade dos índios da Nova Espanha num momento crítico, meados do século XVII, que parece ter sido a cúspide do vetor de depopulação dos naturais na grande região mesoamericana que passava por mudanças profundas na economia e na sociedade. Aliás, muito por causa da diminuição do contingente social indígena (ALBA PASTOR, 1999). Isso gerava fortes preocupações para os funcionários da Coroa, para os religiosos e para os colonos espanhóis, que muitas vezes opinavam que os índios iriam desaparecer por completo. Por exemplo: na década de 1630 houve memória de que na Nova Espanha iria suceder o que já tinha ocorrido nas Antilhas. Um parecer enviado mais que uma vez pelo cabildo do México para o vice-rei e com destino final para o Consejo de Indias e o rei da Espanha iria realçar que:

...la multitud dellos [dos índios] que avia al principio de la conquista y despues de hecha y que estaban devajo del dominio de Vuestra Magestad fue mucha y em pocos mas de 110 años que dichosamente quedaron al yugo y vasallage de Vuestra Magestad a sido y es tan grande su consumo y acavamiento y el que ba tiniendo tan aceleradamente cada dia que da muestras de la brevedad con que se an de acabar y como advierte y enseña el tiempo que la Ysla de Santo Domingo hera de innumerable cantidad dellos y oy apenas se halla uno...⁴

Tudo indica que somente por volta de 1650 o estoque social indígena retomaria algum sinal de crescimento no centro da atual república mexicana (BAUDOT, 1981:73-74). Vale apontar que a catastrófica mortandade se sentia com bastante resignação pelo menos desde a década de 1570 – se nos fiamos no relato do franciscano Sahagún, o qual lamentava que o Colégio de Tlatelolco houvesse se esvaziado dos neófitos atacados pelas enfermidades mortais. Esses índios letrados, por sua vez, procuraram colocar nos papéis organizados pelo frade, as falas de anciãos que trataram do terrível tema das pestilências. As enfermidades teriam sido enviadas devido à ira dos seus antigos deuses ou do deus dos cristãos.⁵

É famosa a história de outro franciscano, frei Toribio conhecido como Motolinía (“o

⁴ AGI (México, 317) expediente s/n, f. 1. Este informe de 1636 (rasurado dia e mês) é praticamente cópia de parte de uma carta de petições do Cabildo de México, de 07 de fevereiro de 1634, que consta no mesmo maço de documentos do arquivo.

Observação: para uma parte das citações de manuscritos de arquivos optou-se pela referência em notas de pé-de-página, pois essas referências não se adaptam ao modelo Autor/Data. As transcrições dos manuscritos são nossas no padrão literal modernizado.

⁵ Em vários e breves capítulos de uma coletânea organizada por Enrique Florescano e Elsa Malvido (1992) se faz referência da obra de Sahagún e de muitas outras crônicas e códices coloniais a respeito das epidemias que assolaram as populações do México central. Destaquemos os capítulos XII e XIII, respectivamente de Germán Somolinos d'Ardois e de Rosaura Hernández Rodríguez.

pobre” na língua náhuatl), que compara vários aspectos da conquista do Anáhuac (a região do México Central) às dez pragas do Egito. A primeira grande praga que acometeu os índios foram as pestilências de “viruelas” e “sarampión”, que segundo Motolinía, reportava a dois versetos do Êxodo (VII, 20,21) de que todas as águas do Egito haviam se tornado sangue, tinham o fedor dos peixes mortos e trouxeram grande mortandade entre os egípcios (TORIBIO MOTOLINÍA, 1989:43). Essa e outras desgraças atingiram a Nova Espanha porque ela estava “llena de grandes tinieblas y confusión de pecados sin orden ninguna” e “toda miseria y dolor” como “em sujeción de faraón” (TORIBIO MOTOLINÍA, 1989:41). O antagonista deste frade era o diabo e a idolatria dos índios. Enquanto é factível especular que muitos indígenas tenham visto nas pestes uma ação da poderosa divindade una e trinitária e dos santos trazidos pelos conquistadores e pelos religiosos – como acentuávamos acima quanto aos relatos dos velhos índios reunidos por Sahagún.

É interessante notar que o discurso médico da mais douta filosofia natural cristã também havia se rendido às explicações sobrenaturais, no século XVI. O relato do destacado médico Alonso Lopez de Hinojosos é categórico. Ele assistia no Hospital Real para índios, na capital novo-hispânica. Em seu tratado de enfermidades e curas, Lopez de Hinojosos conta que houve uma demanda do vice-rei Martín Enriquez, em 1576, para que juntas de expertos tratassem de encontrar uma cura para a enfermidade conhecida pelos índios como “cocoliste”. Seu relato é exemplar da impotência da ciência médica ou da filosofia natural para resolver o problema. De um lado, os astrólogos consideravam que o mal advinha da “conjunción de ciertas estrellas”, enquanto os médicos diziam que era “pestilencia”, a qual teria razão de ser devido às intempéries: “Esto cuadró por ser tiempo de estío y no haber llovido muchos años había y por hacer excesivo frío y excesiva calor en poca distancia de tiempo, y anublar y no llover”. Com essas explicações e sem soluções o vice-rei manda os religiosos a confessar os doentes pelo menos para a salvação da alma, ordenando também missas e sacrifícios para orar pela saúde do gênero humano, ainda que também despachasse os médicos nos hospitais com as receitas para o alívio dos corpos: comidas, medicinas e “regalos” (LOPEZ de HINOJOSOS, 1977:207-9).⁶

Mas o vice-rei não se conformaria com os pareceres e remédios indicados e mandou fazer “anatomías”, escolhendo o Hospital Real para índios no objetivo de organizar a experiência. O próprio Hinojosos e o ilustre protomédico Francisco Hernández, que na época

⁶ Por “regalos” entenda-se os doces como as compotas de frutas e os torrões de açúcar.

estava comissionado pelo rei da Espanha para extrair as benesses medicinais da natureza das Índias Ocidentais, se colocaram como responsáveis pela tarefa. Segundo Hinojosos, teria Hernández comunicado à sua Excelência que o resultado das anatomias indicava que a causa do “cocoliste” fora um “veneno”, notando que o fígado dos enfermos se tornava “acirrado y muy duro, que se les paraba tan deforme que parecía hígado de toro y alzaba las costillas hacia arriba y hacía el pecho muy deforme, porque con su grandeza y tumor hacía monstruosidad.” O médico seguia em sua descrição do corpo aberto, sempre dentro da ordem do discurso galênico: “Los bofes o livianos tenían azules y secos; la hiel apostemada y opilada y muy grande; la cólera que dentro estaba se pudría y la cólera que quedaba fuera no podía entrar dentro” (LOPEZ de HINOJOSOS, 1977:209-10).

A anatomia do mal deixou perceber que a causa da enfermidade não era nem a “conjunción de las estrellas” (segundo os astrólogos) e nem a “corrupción de los elementos” (segundo os médicos) “sino que era propia voluntad de Dios”, e o argumento se fazia pela comum dialética universitária: “para que más claro lo viésemos ordenó Dios que en tiempo blando que no teníamos sospecha de corrupción de elementos porque llovía cada día, no hacía frío ni calor en un día sino que anochecía y amanecía lloviendo”. Hinojosos complementa o raciocínio destacando que “en ese propio tiempo se murieron muchos negros e indios chichimecos, que quedó México y las minas y toda la Nueva España casi sin servicio” (LOPEZ de HINOJOSOS, 1977:209-10).

A arrasadora decadência da sociedade indígena propiciava a verve apocalíptica ou a função caritativa dos setores religiosos, bem como a lógica formal da medicina de doutos que, tal como Hernández, terminavam se rendendo à zona de conforto dos mistérios. Mas também, essa catástrofe refletia em grande ansiedade política. Haja vista que os colonizadores, a Coroa, os conventuais e a Igreja secular, inclusive as elites indígenas, não podiam prescindir do segmento majoritário da população novo-hispânica. Os índios obrigados aos tributos e aos serviços sustentavam o *status quo* colonial. Enquanto que a solvência econômica e a conservação política do império católico com sede em Madri em boa medida dependiam dessa massa de extratores de metais, e que eram os produtores de alimentos, de roupas e outros utensílios, os construtores das cidades e obras públicas e privadas naquele novo mundo dos espanhóis.

Inúmeros surtos epidêmicos contribuíram de forma decisiva para as dramáticas transformações históricas que ocorreram em todo o continente americano desde as primeiras entradas dos europeus, africanos e asiáticos. Aliás, a épica da Conquista do México perde

bastante o brilho de façanha extraordinária se apenas levarmos em conta o surto de varíola que assolou os defensores de Tenochtitlán durante o cerco da cidade que foi liderado por Hernán Cortés. Mas muito pior foram as pestilências de “cocoliztle” e de outras enfermidades de meados da década de 1540 e de meados da década de 1570. O quadro desalentador parecia se agravar no vice-reino da Nova Espanha na virada do século XVI para o XVII.⁷

É importante acentuar que epidemias também existiram antes da chegada dos europeus na América, assim como não era incomum na Europa do século XVI, a qual, aliás, mantinha viva a memória da “peste negra”, que inclusive assolou as populações da península ibérica após a invasão magiar no leste do continente.

De toda forma, é flagrante que a malha social nativa da América tenha sido destruída de forma irremediável devido aos patógenos trazidos pelos imigrantes do Velho Mundo. Entretanto, as epidemias não podem ser vistas como alheias ou acima de outros fatores da depopulação indígena. Estiveram sempre relacionadas a outras questões como as guerras e as migrações, como as secas periódicas e outros efeitos climáticos. Bem como pela introdução dos rebanhos de grandes animais, a devastação da flora e outras alterações ecológicas e agrárias (MELVILLE, 1999). No final das contas, o principal parceiro das ondas de doença contagiosa é o flagelo da fome.⁸

Tampouco é equivocado avaliar que os espanhóis levaram à exaustão o potencial de trabalho dos sobreviventes, se tratamos da fase posterior à mortandade das décadas de 1570-80, o que piorava a condição de vida e propiciava a debilitação e destruição dos corpos como efeito dominó. A decadência constante da população nativa tornou-se um pesadelo econômico na colonização da Nova Espanha, como é notório pela leitura de documentos como cédulas reais, pareceres do Consejo de Indias e ordenanças dos vice-reis.⁹

Governadores e principais, ou seja, aqueles índios não tributários, líderes políticos, os mais ricos e poderosos dos povoados nativos, enviavam petições para as autoridades reais na Nova Espanha durante a primeira metade do século XVII para desonerar os índios comuns

⁷ Cocoliztle é uma voz naua que aglutina cocoloti (emagrecer) e ixtli (cara), compondo a expressão literal “cara magra” que dava o sentido de epidemia ou febre maligna. Hoje se entende que esses e outros eventos foram trazidos por patógenos europeus que eram desconhecidos ou pouco difundidos na América pré-hispânica, o que dificultou a defesa imunológica perante agentes microbióticos que produzem graves sintomas no corpo. Provavelmente a peste do cocoliztle tratava-se de tifo exantemático da variação europeia mais letal que a já existente no continente ocidental. Ambas as variantes eram propagadas principalmente por piolhos através de ratos que conviviam com os humanos. Junto com a gripe, a varíola e o sarampo, essa doença foi uma das grandes responsáveis pela morte de milhões de ameríndios a partir do século XVI (CORDERO del CAMPILLO, 2001:181-2).

⁸ Como salientam praticamente todos os autores reunidos na coletânea de Florescano e Malvido (1992).

⁹ Remetemos a vários documentos da coleção organizada por Konetzke (1958).

dos serviços. Era obrigatório o chamado “repartimiento” para as minas, ainda que outros recrutamentos, em geral acusados de serem “servicios personales” (ou seja, uso da mão-de-obra indígena para interesses e fins privados) eram proibidos na década de 1630, ou eram formas de emprego do trabalho que já estavam em baixa naquele tempo.¹⁰

Mas enfim, os governadores das comunidades deviam indicar grupos de trabalhadores que em períodos definidos eram destacados e enviados para trabalhar em situações antevistas como insalubres nos buracos e túneis da mineração. As diversas solicitações dos cabildos indígenas e de procuradores dos índios para desobrigar ou diminuir a quota de trabalhadores devidos se justificavam com a denúncia de muitas enfermidades e grandes mortandades sofridas nas minas e que despovoavam as “congregaciones”. Estes eram pueblos estabelecidos no início do século XVII que haviam reunido os sobreviventes de cidades e lugarejos ou aqueles índios que viviam dispersos no campo.¹¹

Abaixo serão observados discursos da segunda metade da década de 1630, de quando se sentia os efeitos das derradeiras ondas da grande enfermidade de “cocoliztle” que teriam ocorrido entre os anos de 1629 e 1631 e entre 1633 e 1634. Mas é interessante notar que os discursos destacados para a análise não acusavam as pestilências em si ou um sentido de contágio aleatório, tampouco, uma fatalidade misteriosa como causa da mortandade. Pois outros fatores se adunavam ou as pestes apareciam muito mais como a consequência, e não como a causa da desgraça. As causas dos males, como será enfatizado, eram relativos àqueles fatores externos ao corpo físico e chamados de “não-naturais” na escola hipocrático-galênica.

Uma declaração do “governador y alcaldes” índios da vila de Cuernavaca com data de maio de 1636 seria mais uma daquelas manifestações para desonerar trabalhadores do repartimiento. Mas nesse caso, o pedido não era para aliviar o recrutamento para as minas de Taxco, ainda que houvesse a queixa da “grave enfermedad que ay entre los naturales”.¹² Como foi certificado pelo “ministro de doctrina” em adendo à carta das lideranças do pueblo, Cuernavaca dava e seguia oferecendo “ciento y tres indios cada semana para el repartimiento

¹⁰ Ver capítulo nono “El trabajo” (GIBSON, 1981) para uma atenção sobre o processo pelo qual a encomienda e depois os repartimientos pouco a pouco são ultrapassados pelo regime de emprego assalariado. Ainda que muitas vezes o trabalho por jornadas tivesse nuances de trabalho forçado (nas haciendas) ou até mesmo escravo (nos obrages). Essas nuances também podem ser destacadas, talvez ainda mais, para as formas legais e ilegais de trabalho citadas antes (encomienda e repartimiento dominantes antes de meados do século XVII).

¹¹ Ver AGN (Índios; Congregaciones), entre outras coleções de documentos coloniais desse arquivo. Conseguimos detectar, sem uma pesquisa exaustiva, mais de uma dezena de solicitações de governadores e procuradores de índios buscando retratar o quadro de pestilência e morte que dificultava cumprir com as obrigações dos repartimientos.

¹² AGN (Indiferente Virreinal, 3216) exp. 18, f. 1, 1636.

de las minas de Tasco”.¹³ Mas os índios principais estavam mais preocupados em livrar-se de outra obrigação, o repartimiento para as obras do Desague.¹⁴ Ainda que para tal fossem obrigados a entregar uma quantidade bem menor de trabalhadores que a quota destinada para as minas. Eram apenas seis homens, provavelmente em rodízios semanais como no caso do outro repartimiento. Mas o fato é que os últimos índios entregues haviam uns falecido e outros desaparecido – “respecto de venir como vienen de tierra muy calida [Cuernavaca] y en el desague [Huehuetoca] ser tierra muy fria”.¹⁵ Essa explicação é reforçada pelo religioso encarregado de cuidar das almas do pueblo de Cuernavaca:

La relacion que an hecho los yndios desta villa de Cuernabaca en el memorial de la foja antes desta es venida desa y çierta porque an muerto gran numero de yndios de dos años a esta parte de la peste que entre ellos a habido y dura todavia, y tambien es cierto que por ser esta tierra mui caliente como es notorio y la del desague de Huehuetoca muy fria y que trabajan em partes de cienega y agua se destiemplan de suerte que mueren muchos[sic] de los que ban a travajar a la dicha obra del desague por lo qual y lo demas que alegan será de gran servizio de Dios Nuestro Señor y de su Magestad que Vuestra Excelencia se sirba mandarlos reservar de la dicha obra del desague y juro y muerbo saçerdottis ser cierto lo referido... (Ibid., f. 4)

As intempéries e a mudança de clima eram fatores importantes para pensar sobre a quebra na boa saúde – sem dúvida até hoje é assim, mesmo que tenhamos agora outro paradigma médico para a explicação dos males relacionados, aliás, aos chamados “resfriados”.

Se para o clérigo do século XVII, nas grades de pensamento do galenismo, a questão se colocava como um desequilíbrio de temperatura prejudicial ao funcionamento do corpo, talvez para os índios houvesse outros motivos na reação contra o trabalho debaixo d’água, na construção de um duto que tinha o propósito de evitar as enchentes na Cidade do México cercada de lagunas. Pode-se especular que de certa forma ainda concebessem, como no passado pré-hispânico ou logo após a conquista espanhola, uma perspectiva de ataques como o do “atonahuiztli” ou “febre aquática” (que entre outras coisas fazia crescer o fígado),

¹³ *Ibid.*, f. 4.

¹⁴ Desague é a denominação da grande obra que durou décadas e que supostamente evitaria as enchentes da Cidade do México, a qual fora construída e crescia no processo de assoreamento de grandes lagos no vale do México. Após dois projetos de renomados engenheiros europeus no início do século XVII, o trabalho concentrou-se na construção de um duto de Ecatepec a Huehuetoca. Mesmo com as conclusões da imensa obra, houve grande enchente em 1629 que durou 4 anos. Em 1637 houve o abandono do túnel e sua transformação em surco (GIBSON, 1981:241 e s.).

¹⁵ AGN (Indiferente Virreinal, 3216) exp. 18, f. 1, 1636.

ataques esses que gerassem outras enfermidades relacionadas à umidade. Os males seriam punições de antigas entidades que governavam as águas como os tlaloque, tepictoton e auaque em um “complexo Tlaloc” de enfermidades – sendo Tlaloc a principal entidade dos fenômenos relacionados à água (ORTIZ DE MONTELLANO, 1990:122 e 131).

De qualquer forma, no caso selecionado acima, tanto os índios como o clérigo e o oficial que leva o comunicado à autoridade central na Nova Espanha vão considerar que o “destemple” fosse causa de grande enfermidade e óbitos. Levaram a sério o pedido dos índios da região quente de Cuernavaca, de que fossem liberados do serviço no extremamente úmido e frio projeto do Desague.

O vice-rei Marquês de Cadreita deve ter manifestado grande preocupação com as queixas e pedidos de pueblos de índios de retirar-se das obrigações dos repartimientos de minas e do serviço no canal, e também considerando outros elementos que tinha em mãos, como os informes e petições do cabildo espanhol da Cidade do México. Os criollos, donos de terras e fábricas e que mandavam no cabildo, denunciavam igualmente o óbvio ou visível problema da diminuição da população indígena na Nova Espanha e buscavam soluções para manter minimamente a mão-de-obra necessária para seus empreendimentos.¹⁶ Assim, o Marquês de Cadreita, como antecessores, buscou assessoramento de pessoas consideradas de bem e cultas o suficiente que pudessem ajudar a identificar as causas e propor saídas para evitar o fim do corpo social indígena.

Por demanda repassada pelo arcebispo do México, cuja jurisdição ocupava boa parte do centro do atual país, alguns clérigos que tinham grande experiência de contato com as comunidades de naturais foram acionados para tratar do problema da queda da população. Em destaque está o parecer do doutor Jacinto de la Serna, que havia sido proprietário do “benefício” de duas congregaciones por um período de quinze anos, e que ao elaborar sua carta tinha a posição de cura na Catedral da Cidade do México, bem como a função de Visitador General no Arzobispado de México. Também vale esmiuçar o informe de outro cura experimentado na lida com os índios. O bachiller Luis Fonte de Mesa tivera quatro “doctrinas” de pueblos de índios num total de desesseis anos de serviço.¹⁷

Jacinto de la Serna elaborou um parecer que demonstra a verve de homem escolado.

¹⁶ AGI (México, 317) expediente s/n (ver nota 4).

¹⁷ INAH (Colección Antigua, v. 336) “Informe del Dr. Jacinto de la Serna, Cura de la Sta. Iglesia Catedral de México, Visitador General y Examinador Synodal de todo el Arzobispado, sobre los naturales y modo de ayudarlos”, 1636, f. 99-104r. Adiante: SERNA, 1636; INAH (Colección Antigua, v. 336) “Parecer del Br. Luis Fonte de Mesa acerca de los indios”, 1636, f. 19-20r. Adiante: FONTE de MESA, 1636.

Aponta em sua retórica que “la altura de los divinos juicios” sobre os índios “en sus miserias, en sus pestes y muertes y consumacion es inescrutable”.¹⁸ Ou seja, as causas mais profundas (ou em alusão ao aristotelismo vigente naqueles discursos) as causas primeiras eram de âmbito dos mistérios divinos, o que reporta àquelas posições citadas acima do frade Motolinia e dos médicos Hinojosos e Hernández (SERNA, 1636:99v). Contudo, o clérigo Serna procura auscultar causas naturais e mundanas, e tal como Fonte de Mesa, divide ou resume o assunto e suas particularidades em duas grandes questões: os demasiados trabalhos e a demasiada embriaguez dos índios. Fonte de Mesa é objetivo já no início de seu informe “cerca de buscar el remedio que se pueda hallar mas conveniente para la conservacion de los indios, atajar los daños que resultan de sus embriagueces y demassiado trabajo” (FONTE de MESA, 1636:19).

O diagnóstico é claro. De um lado, os clérigos criticavam a situação de abusos sobre a mão-de-obra indígena no anátema dos “repartimientos” e dos “servicios personales”. Dessa forma, faziam coro a outros pronunciamentos, como aquele da junta de líderes da ordem franciscana, documento de 1598, numa época em que os repartimientos eram o principal mecanismo para arregimentar os trabalhadores indígenas.¹⁹ Também os clérigos Serna e Fonte de Mesa davam eco à longa disputa contra a embriaguez. Mas nem tanto no aspecto da disputa religiosa, ou seja, contra as bebedeiras relacionadas a ritos indígenas chamados idolátricos. Mas sim, no aspecto de que a embriaguez destruía a saúde do corpo e devia ser rigidamente controlada e normalmente proibida – a preocupação com os danos físicos já era manifesta desde o início do século XVII em ordenanças de vários vice-reis. A lei foi reafirmada e emendada pelo Marquês de Cadreita.²⁰

As duas grandes questões (bebedeira e muito trabalho) foram também peças-chaves nos discursos do cabildo do México referidos anteriormente. Embora com certas peculiaridades no que tange ao aspecto de denunciar o excessivo trabalho imposto aos índios – pois em detrimento do repartimiento nas minas, os criollos do cabildo expressaram claramente o interesse em retomar a obrigação do repartimiento nas lavouras. Por sua vez, os pareceres dos clérigos também deixavam transparecer seus interesses quanto a aumentar o controle sobre os tratos que eram feitos de trabalho e comércio com os indígenas, bem como queriam obter mais direitos de punir os delitos dos naturais.

Ainda assim, tanto naquele ponto sobre o demasiado trabalho, quanto no tema da

¹⁸ La Serna, fólho 99v.

¹⁹ “Parecer de los frailes franciscanos sobre repartimientos”, *Boletín del Archivo General de la Nación*, Tomo IX, n. 2, 1938, pp. 173-180.

²⁰ AGN (Indios, 17) exp. 1, fs. 1 a 11.

exagerada embriaguez como causas da mortandade dos índios, os argumentos giravam direta e indiretamente em torno das visões hipocrático-galênicas sobre a saúde corpórea. Giravam em torno de fatores e condicionantes externos ao físico do homem. Tratavam do regime ou da falta do regime de vida entre os índios. Ainda que esses argumentos se misturassem a percepções, digamos, de uma essência do índio ou das condições intrínsecas à natureza dos costumes e do corpo físico do índio.

O doutor Jacinto de la Serna aponta para os índios como “pequeñuelos sujetos a tutores”. Necessitava da assistência espiritual e secular do clero sob os auspícios da realeza, mote que vinha desde muito tempo no processo da conquista espanhola. Serna aponta que havia de trazer a “medicina” para os naturais, a qual consiste em “philosophar sobre sus enfermedades y hazer anathomia dellas” (SERNA, 1636:99).

Na denúncia das sobrecargas de trabalho e da violência de quitar as propriedades e de mal-tratar os indígenas, o cura da Catedral do México realça que “fuera de la natural miseria de su vida, y poco regalo, no tienen lugar de descanso”. Não se deixa que os índios fiquem em suas casas – presume-se os funcionários reais e empregadores entre outros nos “servicios personales”. E até os “Gobernadores y mandones” (indígenas) batem nos seus, nos mercados e nas igrejas, e levam esses índios à força para os trabalhos. Estes vão trabalhar a distâncias de quinze ou vinte dias de seus lares. Numa passagem o clérigo comenta que os naturais padecem de estar fora de suas casas “de día y de noche y todas las influencias del cielo, les son contrarias”. Referindo-se ao Eclesiástico, 19, aponta que “el principio de la vida del hombre era el agua, el pan, el vestido, y la casa que encubre las miserias humanas”, responde que “nada desto se verifica en ellos para vivir pues andan sedientos, hambrientos, desnudos, y quando se recogen a sus casas es para la detestable costumbre de la borrachera” (SERNA, 1636:99v-100).

Para Fonte de Mesa (1636:19) “las pestes destes naturales emanan de sus embriagueces, a que ellos son inclinados de su naturaleza”. Serna (1636:100) lembra que na borracheira dos índios “tiene el demonio (...) grande cosecha”. Os dois clérigos remetem aos problemas religiosos e morais, mas de toda forma, aquilo que consideram como abuso da bebida (a destemperança) é causa de graves males no corpo. Uma das bebidas, a qual contém um destilado extraído do pulque (esta a antiga bebida fermentada da seiva do “magüey”), segundo Serna “les abrasan las entrañas”, noção que fora referendada na ordenança do vice-

rei Marquês de Cadreira contra a embriaguez dos índios.²¹

Vale citar uma passagem do parecer de Serna para identificar com clareza que as várias situações denunciadas se referem ao descuido com os fatores “não-naturais” hipocrático-galênicos, tais como o exercício e o repouso, a alimentação e a bebida, os ares e lugares, o sono e a vigília, as excreções e secreções:

...de aquí resulta el grave daño de su salud, pues el descanso que tienen del perpetuo movimiento, y desasosiego fuera de sus casas, es desta calidad, [a embriaguez nas suas casas] de donde resulta de lo uno, y de lo otro, sus pestes, y muertes irremediables, an trabajado muchos y muchos dias, comido mal, y dormido peor, beben estas bebidas tan nocivas abrasanseles los higados (...) duermen sin abrigo en las melemencias del cielo, amanecen malos, resfriados, y molidos crece el mal si los sangran se mueren, porque los cogen sobre excessos, y mal sustento, y los sangran sin medida si no los sangran crece el tabardillo [etc]...
(SERNA, 1636:100)

Outras particularidades se omitem por falta de espaço neste ensaio. Mas, ainda vale ressaltar dos argumentos de Serna, que os índios “tienen por Cama el Suelo, y por Cabecera una piedra, y esta puesta o a la puerta de la casa sujeta al ayre o al fagon sujeta al calor del fuego” (SERNA, 1636:100v).

Também vale recuperar do seu discurso que há “causas concomitantes” às indicadas acima para entender a queda do corpo indígena. Uma delas também é diretamente um fator “não-natural”, o qual já havia sido diagnosticado por clérigos e outros desde muito tempo, como por Las Casas (1992) na *Apologética historia sumaria*. É a questão da tristeza extrema devido à submissão e exploração do povo na conquista espanhola. Tal situação Serna a indica como “una implicita desesperacion de la vida, y aborrecimiento della deseando morirse por librarse de sus innumerables trabajos”. Outra causa “concomitante” observada por Serna era de ordem mais espiritual, embora também relacionada ao corpo físico. É que os índios se fiavam nos seus curandeiros, considerados pelo clérigo como seres endemoniados. Aliás, Jacinto de la Serna produziu um dos principais tratados de “extirpación de idolatrías” no México (SERNA, 1987), décadas depois do parecer que está em pauta aqui. Enfim, os curandeiros com suas “medicinas supersticiosas” e as explicações de “hechizo” rivalizavam com as medicinas naturais e o regime alimentar proposto pelos médicos espanhóis (SERNA, 1636:100-100v).

²¹ *Ibid.*, f. 2. Aliás, o mais provável é que o vice-rei tenha aprimorado a antiga ordenança da época do vice-rei Luis de Velasco, levando em conta os informes feitos por Serna e outros clérigos no tempo de seu mandato na Nova Espanha (segunda metade do século XVII).

Entre os remédios considerados pelos clérigos, temos o governo ou o regime sobre os fatores que causariam as enfermidades e as pestes. Como a proposta de Serna de substituir as várias bebidas coloniais pelo medicinal pulque branco dos antigos, pois seria inviável quitar de todo os embriagantes dos índios, naturalmente inclinados para a bebida... Já o cabildo do México considerava necessário trocar as bebidas de maguey pelo vinho espanhol (que lembremos era considerado muito medicinal). É que o vinho tinha preço alto e, portanto, iria inibir o abuso pelos índios de tão pobres que eles eram. Enquanto que Fonte de Mesa recomendaria que os índios fossem empregados assalariados em oposição aos repartimientos, porque aqui o que comiam eram “tortillas sin que añada otra cosa”, quando no cuidado dos “españoles” (isto é criollos) eram curados, vestidos e bebiam menos, pois “con el trabajo los ocupa”... (FONTE de MESA, 1636:20v). O cabildo do México também encomendava os índios aos fazendeiros e consideravam os naturais costumes alimentares e outros e a condição de trabalho nos repartimientos como avessos ao regime de vida: “como la vianda desta miserable gente es tan liviana y de poca sustancia pues la mas se sustenta de maiz y chile y un poco de baca, sin dormir en cama ni husar de calzado ni mas resguardo que un calzon y manta de lenço, les corrompe con facilidad esta ultima bebida”, que é o pulque com raízes embriagantes, “y la otra”, o aguardente do pulque, “les ençiende y abrasa las entrañas con que los precipita y mueren”. Enfim, o repartimiento nas minas é também execrado (claro que pelo interesse no trabalho assalariado dos índios na justificativa de que) “se labra en agua (...) y el principal trabajo empieza a las avemarias y salen quando esclareçe el dia, las incomodidades que en el discurso de la noche pasan el rendirles el sueño y arrimarse al lodo y humedad de la mina” explica por si só que o indígena esteja em decadência, aliás, “siendo la fragilidad y naturaleza desta gente tan devil”...²²

Pode-se concluir que esses informes, de um lado, oferecem para o historiador uma fonte preciosa para descobrir interesses particulares por discursos contra grupos sociais rivais que se beneficiavam de formas de exploração do trabalho indígena ou de controle social também rivais (por exemplo: emprego assalariado versus repartimiento). Por outro lado, os informes demonstram um campo de pensamento médico que está difuso, ou bem assinalado, como saber que sustenta diagnósticos da má saúde e dá a base das proposições para melhorar a vida dos índios. Entretanto, o que se nota ainda são visões negativas e não apenas das condições de vida dos índios. Também oferecem um sentido de barbárie dos costumes e do

²² AGI (México, 317) expediente s/n, f. 1-2.

modo de vida deles. Sua forma de habitar, sua alimentação e outros detalhes do cotidiano dos índios são expostos quase ou como naturalmente equivocados e viciosos. O certo é que desponta nessas visões da natureza dos costumes, uma natureza dos corpos. Não apenas uma condição contextual de debilidade do corpo e mente dos índios. Esses entremeios deverão ser objeto de novos estudos.²³

Arquivos citados:

AGI – Archivo General de Indias, Sevilha

AGN – Archivo General de la Nación, México

INAH – Archivo Histórico del Instituto Nacional de Antropología e Historia, México

Bibliografia citada:

ALBA PASTOR, María. *Crisis y recomposición social; Nueva España en el tránsito del siglo XVI al XVII*. México: Facultad de Filosofía y Letras – UNAM; Fondo de Cultura Económica, 1999.

BAUDOT, Georges. *La vie quotidienne dans l'amérique espagnole de Philippe II*. Biarritz: Hachette, 1981.

CORDERO del CAMPILLO, M. *Crónicas de Indias; ganadería, medicina y veterinaria*. Salamanca: Junta de Castilla y León, Consejo de Educación y Cultura, 2001.

CRUZ CRUZ, Juan. *Dietética medieval*. Huesca: La Val de Onsera, 1997.

FLORESCANO, Enrique & MALVIDO, Elsa (comp.). *Ensayos sobre la historia de las epidemias en México*, Tomo I. 2ª ed. México: Instituto Mexicano del Seguro Social, 1992.

GIBSON, Charles. *Los aztecas bajo el dominio español, 1519-1810*. 6ª ed. México: Siglo XXI, 1981.

KONETZKE, Richard. *Colección de documentos para la historia de la formación social de Hispanoamérica, 1493-1810*, Volumen II Primer Tomo (1593-1659). Madrí: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1958.

LAS CASAS, Bartolomé de. *Apologetica historia sumaria*, 3 tomos. Madrí: Alianza Editorial,

²³ Neste ensaio, que deve ser curto e prévio a um artigo mais complexo, evitamos o debate bibliográfico sobre temas como a “natureza” dos índios. Se nota também a escassez nas referências sobre o “regime de vida”, entre outras deficiências e pelo mesmo motivo. Vale retomar que aqui o foco foi avaliar alguns informes produzidos num contexto específico do governo do Marquês de Cadreira na Nova Espanha.

1992.

LOPEZ de HINOJOSOS, Alonso. *Suma y recopilación de cirugía, con un arte para sangrar muy útil y provechosa*. México: Academia Nacional de Medicina, 1977.

MELVILLE, Elinor G. K. *Plaga de ovejas; consecuencias ambientales de la conquista de México*. México: Fondo de Cultura Económica, 1999.

SERNA, Jacinto de la. “Manual de ministros de indios”, in: Pedro Ponce, Pedro Sánchez de Aguilar *et al.*, *El alma encantada*. México: Instituto Nacional Indigenista, Fondo de Cultura Económica, 1987, pp. 263-480.

TORIBIO MOTOLINÍA, Fray. *El libro perdido; ensayo de reconstrucción de la obra histórica extraviada de Fray Toribio*. México: Consejo Nacional para la Cultura y las Artes, 1989.

VARELLA, Alexandre C. “A dietética no novo mundo. Alimentos para a natureza e o governo dos corpos de índios e espanhóis, entre os séculos XVI e XVII” in: Cardona Rodas, Hilderman y Pedraza Gómez, Zandra (comp.) *Al otro lado del cuerpo; estudios biopolíticos en América Latina*. Bogotá: Ediciones Uniandes; Universidad de Medellín, 2014, pp. 23-52.